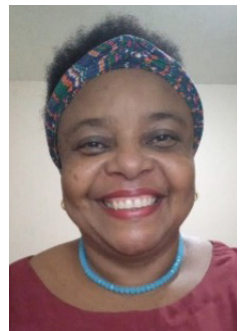


Capítulo 16

MEMORIAL

Maria do Amparo Torres Pinheiro



A primeira coisa que gostaria de dizer sobre a experiência é que é necessário separá-la da informação. E o que gostaria de dizer sobre o saber de experiência é que é necessário separá-lo de saber coisas, tal como se sabe quando se tem informação sobre as coisas, quando se está informado.

Jorge Larrosa



Minha infância foi muito especial, parte dela passei com meus avós. Minha mãe me deixou na casa deles, desse modo, morava eu, minha avó, meu avô, meu tio e minha tia, que eram os filhos caçula deles. Minha tia estudava para ser professora, e gostava de me ensinar em casa. Lembro que ela comprou uma cartilha colorida com o título o ABC dos animais era bonita e muito atrativa, nela aprendi as letras associando ao nome dos animais.

Ao exercitar minha memória aproveitei para evocar as letras do alfabeto, que na época tinham 23 letras, onde cada página apresentava a figura de um animal com destaque para a escrita da palavra e da letra inicial, onde tenha a seguinte: A de águia; B de borboleta; C de coelho, D de dromedário; E de elefante; F de falcão; G de garça; H de hipopótamo; M de macaco, N de nambu; O de onça; P de pavão; Q de quati; R de raposa ; S de sapo; T de tucano; U de urso; V de veado; X de xexéu e Z de zebra. Essas experiências ficaram na minha memória, minha alfabetização iniciou nas brincadeiras em casa com minha tia que brincava de ser professora.

Eu era a única criança da casa, era muito querida pelos avós e tios. Certo dia, descobri que minha avó e meus tios morariam no Rio de Janeiro, fiquei muito triste, pois eu e meu avô iríamos ficar em São Luís, mas logo minha mãe, meu pai e meus irmãos viriam morar conosco.

Com a chegada de meus pais, minha rotina ficou diferente, eu já não era a única criança da casa, precisava aprender a compartilhar meus brinquedos com meus irmãos e logo iniciei os estudos em uma escola perto de casa. Era uma escola comunitária, a escola da Dona Laura, assim ela era conhecida no bairro. Todas as crianças pequenas iam para esse jardim de infância, cujo uniforme era uma saia azul-marinho plissada com suspensórios, blusa branca, sapato preto e meia branca.

Ao concluir o ciclo da alfabetização nessa escola, fui inscrita no seletivo para pleitear uma vaga para a 1ª série do primário em uma escola municipal em um outro bairro, em uma escola bem distante da minha casa. Me lembro que no meu bairro não havia escola pública para crianças. Ao ingressar nessa escola, senti a diferença, pois era uma escola muito grande, todas as séries tinham muitas salas, tinha o 1º ano A, B, C e D e assim era nas demais séries, eu era uma aluna muito esforçada tirava boas notas nunca fiquei reprovada.

Por ser uma escola distante, minha mãe com as outras mães faziam revezamento para levar as crianças, cada mãe tinha seu dia de levar todas as crianças para a escola, quando fui ficando maior já íamos sozinhos para a escola. Me lembro das leituras feitas em sala de aula. Fazia parte da rotina da professora a leitura, fazíamos a leitura silenciosa e depois a leitura oral. Eu era uma menina muito tímida. Minha professora me pediu para fazer a leitura oral para a sala, fiquei tão envergo-

nhada que gaguejei e ela mandou eu calar, fiquei tão bloqueada que não conseguia fazer leitura em lugar nenhum.

Esse bloqueio continuou no ginásio não participava de atividade de leitura oral, tinha bloqueio para ler, fazia minhas atividades, mas não conseguia ler para o grupo, isso foi muito difícil de ser superado. Esse trauma só foi superado, quando iniciei minhas aulas de reforço escolar para crianças da minha rua. Quando concluí o último ano do primeiro grau, nessa época, o caminho de acesso para ensinar e ser uma professora de verdade era pelo acesso ao curso normal, onde as professoras com o nível de 2º grau podiam lecionar na educação infantil e nos anos iniciais.

A política educativa do estado do Maranhão, nessa época, dava-se pelo encaminhamento automático dos alunos do 1º grau para as escolas profissionalizantes do 2º grau, escolas cujo o objetivo era profissionalizar para os cursos técnico de enfermagem, administração, técnico de laboratório dentro outros.

Minha certeza de querer ser professora iniciou muito cedo, fiquei muito feliz quando meu nome saiu na relação de alunos que iriam para o Instituto de Educação do Maranhão, escola referência na formação de professoras normalistas na época.

No 1º ano do curso tínhamos disciplinas como Sociologia, Psicologia e Filosofia dentre outras, o curso já nos preparava para a docência, a disciplina de Língua Portuguesa já nos colocava de frente com a literatura brasileira, onde tínhamos que apresentar os textos literários em forma de seminários que nos enriqueciam e possibilitavam o desenvolvimento oral de cada aluna.

Nesse contexto, as salas eram formadas somente por meninas, não havia meninos no curso, acredito que porque na época os meninos não se interessavam muito por ser professor de crianças. A partir do 2º ano do curso, as alunas iniciavam o estágio supervisionado apenas para acompanhar as alunas do 3º ano que já eram regentes de sala, como estagiária do 2º ano as alunas já interagiam com o processo ensino aprendizagem na escolar campo.

As alunas do 2º ano no campo de estágio, registravam suas observações que serviam de apoio para seus aprendizados, onde tais registros à luz da Didática serviam para a construção de sua prática como futuras professoras.

Ao concluir o curso normal, fui para a cidade maranhense de Lago verde, onde fui nomeada pela Secretaria de Estado da Educação, assim, pude assumir minha primeira sala de aula como professora efetiva em uma sala de aula em uma turma de 1ª série. Diante do que aprendi no curso normal, me senti segura para atuar como professora nessa série.

No ano seguinte fui transferida para São Luís, onde fui lotada em uma escola de ensino fundamental chamada “Estado de Alagoas” no bairro da Alemanha,

onde assumi uma turma de 3ª série no turno matutino, nesse período, no noturno iniciei o curso de 4º ano adicional na mesma escola onde conclui meu curso normal, o Instituto de Educação do Maranhão. Nessa época, foi oferecida a primeira turma de curso preparatório para o atendimento aos alunos que seriam atendidos em classes especiais com Deficiência, que tinha a terminologia de (DM) para alunos com Deficiência Mental e (DA) para os alunos com Deficiência auditiva. Vale destacar que esses cursos por fazer parte de determinações do artigo números 9 da Lei 5692/71. Se deu em diferentes estados da federação, Mazzota afirma que,

Na quinta parte do plano ora analisado, são propostos os instrumentos para a ação, abrangendo recursos institucionais e recursos financeiros. Dentre os sete recursos institucionais recomendados, destacam-se: “regulamentação do tratamento especial a ser dispensado ao excepcional, conforme artigo 9º da Lei Nº 5692/71” e “Fixação de critérios para a instalação e funcionamento de classes especiais da rede de ensino estadual”. Para ambos são apresentadas minutas dos atos oficiais.

A primeira subsidiou a elaboração da Deliberação CEE nº 13/73 e a segunda, a Resolução SE nº 73/78, ambas analisadas anteriormente. (MAZZOTA, 2005 p.168-169).

Desse modo, no Maranhão a rede estadual de ensino se preparava para o atendimento educacional aos com deficiência que estavam fora da escola, ou eram atendidos em instituições filantrópicas. A rede estadual de ensino precisava criar as salas, e ter professores que acolhessem e ensinasse os alunos nas diferentes salas especiais.

Nesse contexto, foi aberto um seletivo onde as professoras poderiam ocupar uma das vagas no curso a nível de 4º ano adicional, para atender os alunos deficientes na rede estadual de ensino. O curso tinha uma formação específica, as professoras que quisessem trabalhar com alunos com Deficiência Mental tinham uma turma, as que quisessem trabalhar com alunos com Deficiência auditiva tinham outra turma. Na conclusão do curso, as classes especiais foram abertas e iniciou assim o atendimento em classes especiais no Maranhão.

Em continuidade a jornada no magistério, participei do curso preparatório para o primeiro vestibular para professores da rede estadual promovido pela Universidade Estadual do Maranhão, onde fui aprovada na primeira turma, assim pude prosseguir minha caminhada acadêmica concomitante com a minha jornada profissional.

Em 1998 pude fazer minha primeira pós-graduação em Educação Especial na Universidade Federal do Maranhão sob a coordenação do Professor Erasmo Campelo. O curso já nos preparava para o processo de inclusão escolar. Nesse contexto, as classes especiais já estavam sendo desfeitas e os alunos paulatinamente sendo incluídos nas salas de ensino comum.

É importante destacar que o processo de inclusão escolar na rede estadual de ensino no estado foi bastante difícil, apesar das inúmeras formações de professores, a resistência em receber os alunos com deficiência era uma constante. Nesse contexto, deixei de ser uma professora de classe especial e passei a fazer parte da equipe de professores do atendimento educacional especializado, e pude acompanhar nas escolas o processo de inclusão.

Na dinamicidade do processo de inclusão, fui relocada para Centro Apoio Pedagógico “Anna Maria Patelo Saldanha” Centro de referência à pessoa deficiente visual, onde fazia acompanhamento aos alunos deficientes visuais inclusos nas escolas de ensino comum.

No ano de 2002 fui aprovada no concurso público para ser professora a Aeronáutica, a escola fica nas dependências do Centro de Lançamento de Alcântara, é uma escola que passou muitos anos funcionando em instalações provisórias. Quando cheguei, já havia um grupo trabalhando na escola. Eu e meus colegas fomos efetivados na segunda turma. Onde trabalhei até o ano de 2010, no segundo semestre, fui aprovada no concurso para atendimento aos alunos com deficiência visual na Universidade Federal do Maranhão, a atividade era acompanhar tais alunos nos diferentes cursos no campus. Entretanto, com a regulamentação da função para esse atendimento, percebi que profissionalmente não era o que eu queria.

Insatisfeita com atendimento educacional na universidade, optei por retornar para sala de aula de ensino fundamental na escola da Aeronáutica, que atendia antes da aprovação no concurso para a Universidade. Nesse contexto, concluí também minha missão no atendimento educacional especializado na rede estadual de ensino.

Atualmente, sigo na atuação como professora da educação básica do quadro permanente do magistério da Aeronáutica. Participo do grupo de estudos organizado pela professora Doutora Jussara C. Do Nascimento que incentiva os professores das três escolas assistenciais da Aeronáutica a participarem dos encontros de formação e valorização das práticas docente.

Nessa caminhada formativa pude ingressar no mestrado profissional do Programa de Pós-graduação e gestão de ensino da educação básica, sigo com interesse em pesquisar o REGISTRO DE REPRESENTAÇÃO SEMIÓTICA: A construção do conhecimento numérico através da adaptação da Tabela de Pitágoras

com alunos do 1º e 2º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Desse modo, pretendo seguir o caminho da pesquisa para atuar com criticidade no meu cotidiano profissional.

